

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMARIO—Idéas sobre o theatro—Romance. O testamento do Sr. Chauvelin—Primaveras (Poesias do Sr. Casimiro de Abreu)—A hospitalidade brasileira (Uma excursão por Minas)—Amor e loucura (Lenda)—A preguiça—Revista dos theatros—Poesias, O Grano e o Tymbira, Sonhando, Meus versos.—Chronica elegante.—Notícias á mão.

Idéas sobre o theatro.

II.

Se o theatro como tablado degenerou entre nós, o theatro como litteratura é uma phantasia do espírito.

Não se argumente com meia duzia de tentativas, que constituem apenas uma exceção; o poeta dramático não é ainda aqui um sacerdote, mas um crente de momento que tirou simplesmente o chapéu ao passar pela porta do templo. Orou e foi caminho.

O theatro tornou-se uma escola de aclimatação intelectual para que se transplantaram as concepções de estranhas atmosferas, de céus remotos. A missão nacional, renegou-a elle em seu caminhar na civilização; não tem cunho local; reflecte as sociedades estranhas, vai ao impulso de revoluções alheias à sociedade que representa, presbita da arte que não enxerga o que se move debaixo das mãos.

Será aridez de intelligencias? não o creio. É secunda de talentos a sociedade actual; será falta de animo? talvez; mas será essencialmente falta de emulação? essa é a causa legitima da ausência do poeta dramático; essa e não outra

Falta de emulação? donde vem ella? Das plateas?

Das plateas. Mas é preciso entender: das plateas, por que elles não tem, como disse, uma educação real e consequente.

Ja assignalei a ausencia de iniciativa e a desordem que esterelisa, e mata tanto elemento aproveitável que a arte em cahos encerra.

A essa falta de um raio conductor se prende ainda a deficiencia de poetas dramáticos.

Uma educação viciosa constitui o paladar das plateas. Fizeram desfilar em face das multidões uma procissão de manjares exquisitos de um sabor estranho; no festim da arte, os naturalisarão sem cuidar dos elementos que fermentavam em torno de nossa sociedade, e que só esperavam uma mão poderosa para tomarem uma forma e uma direcção.

As turbas não são o marmore que cede sómente ao tresscalar laborioso do escopro, são a argamassa que se amolda á pressão dos dedos. Era facil dar-lhes uma physionomia, deram-lha. Os olhos foram rasgados para verem segundo as conveniencias singulares de uma autocracia absoluta.

Conseguiram fazel-o.

Habituarão a platea aos *bullevards*; elles esqueceram as distâncias e gravitam em um circulo vicioso. Esquecem-se de si mesma; e os czares da arte lisongeiam-lhes a ilusão com esse manjar exclusivo que deitam á mesa publica.

Podiam dar a mão aos talentos que se grupam nos derradeiros degraus á espera de um chamento.

Nada!

As tentativas nascem pelo esforço sobrehumano de alguma intelligencia omnipotente—mas passam depois de assignalar um sacrifício, mais nada!

E de feito não é mao este proceder. É uma mina o estrangeiro, ha sempre que tomar a mão; em quanto que o theatro nacional é exíguo; e as intelligencias não são máquinas dispostas ás vontades e conveniencias especulativas.

Daqui o nascimento de uma entidade; o traductor dramático, especie de criado de servir que passa de uma sala a outra os pratos de uma cozinha estranha.

Ainda mais essa!

Desta deficiencia de poetas dramaticos que de cousas resultam ! que de deslocamentos ! Vejamos.

Pelo lado da arte o theatro deixa de ser uma reprodução da vida social na esphera de sua localidade. A critica revolverá debalde o escaravelho nesse ventre sem entradas proprias para ir procurar o estudo do povo em outra face ; no theatro não encontrará o cunho nacional ; mas uma galeria bastarda, um grupo farta-côr, uma associação de nacionalidades.

A civilização perde assim a unidade. A arte destinada a caminhar na vanguarda do povo como uma preceptora — vai copiar as sociedades ultra-fronteiras.

Tarefa estéril !

Não pára aqui. Consideremos o theatro como um canal de iniciação. O jornal e a tribuna são os outros dois meios de proclamação e educação pública. Quando se procura iniciar uma verdade busca-se um desses respiradouros e lança-se o pomo às multidões ignorantes então. No paiz em que o jornal, a tribuna e o theatro tiverem um desenvolvimento conveniente — as caligens cahirão aos olhos das massas ; morrerá o privilégio, obra da noite e da sombra ; e as castas superiores da sociedade ou rasgarão os seus pergaminhos ou cahirão abraçadas coi-
elos, como em sudarios.

E' assim, sempre assim ; a palavra escrita na imprensa, a palavra fallada na tribuna, ou a palavra dramatizada no theatro, produziu sempre uma transformação. E' o grande *faid* de todos os tempos.

Ha porém uma diferença : na imprensa e na tribuna a verdade que se quer proclamar é discutida, analysada, e torcida aos cálculos da lógica ; no theatro ha um processo mais simples e mais ampliado ; a verdade aparece nua, sem demonstração, sem analyse.

Dante da imprensa e da tribuna as idéas abalroam-se, ferem-se, e lutam para accordar-se ; em face do theatro o homem vê, sente, palpa ; está diante de uma sociedade viva, que se move, que se levanta, que falla, e de cujo composto se deduz a verdade, que as massas colhem por meio da iniciação. Do um lado a narração fallada ou cifrada, do outro a narração estampada, a sociedade reproduzida no espelho photographico da fôrma dramatica.

E' quasi capital a diferença.

Não só o theatro é um meio de propaganda, como mesmo o meio mais efficaz, mais firme, mais insinuante.

E' justamente o que não temos.

As massas que necessitam de verdades, não as encontrarão no theatro destinado à reprodução material e improductiva de concepções

deslocadas da nossa civilização — e que trazem em si o cunho de sociedades afastadas.

E' uma grande perda ; o sangue da civilização que se inocula tambem nas veias do povo pelo theatro, um dos seus largos poros, não desce a animar o corpo social : elle se levantará difficilmente embora a geração presente enxergue o contrario com seus olhos de esperança.

Insisto pois na assertão : o theatro não existe entre nós : as excepções são exforços isolados que não actuam, como disse já, sobre a sociedade em geral. Não ha um theatro nem poeta dramático...

Dura verdade, com efeito ! como ! pois imitamos as frivolidades estrangeiras, e não aceitamos os seus dogmas de arte ? é um problema talvez ; as sociedades infantes parecem balbuciar as verdades que deviam proclamar para o proprio engrandecimento. Nós temos medo da luz, por isso que a empanamos de fumo e vapor.

Sem litteratura dramatica, e com um tablado, regular aqui, é verdade, mas deslocado e defeituoso alli e além — não podemos aspirar a um grande passo na civilização. A arte cumpre assinalar como um relêvo na historia, as aspirações héticas do povo — e aperfeiçoar-as e conduzil-as, para um resultado de grandioso futuro.

O que é necessário para esse fim ?
Iniciativa e mais iniciativa.

Machado de Assis.

O TESTAMENTO DO SR. CHAUVELIN.

ROMANCE

DR

ALEXANDRE DUMAS.

I.

A CASA DA RUA DE VAUGIRARD.

Indo da rua do Cherche-Midi para a de Notre Dame des Champs, encontra-se à esquerda, frente de um chafariz que forma o vertice do angulo das ruas do Regard e do Vaugirard, uma pequena casa lançada nos registros da cidade sob o numero 84.

E agora, antes de irmos mais longe, uma confissão que me custava a sahir dos labios. Esta casa, onde a mais franca amizade acolheu-me quasi à minha chegada da província, esta casa, que por espaço de tres annos me foi fraternal ; esta casa, em que eu podera bater com os olhos fechados em qualquer revez ou felicidade da vida, certo de vel-a abrir-se ás minhas lagrimas ou á minha alegria ; esta casa

para bem indicar-lhe a posição topographica a meus leitores, fui obrigado a levantar-a com as minhas proprias mãos sobre um plano da cidade de Paris.

Meu Deus ! Quem tal me dissera ha vinte annos ?

E' que tambem n'estes ultimos vinte annos, tantos acontecimentos, como maré sempre a encher, tem arrancado aos homens as recordações da sua juventude, que não é mais com a memória quo se pôde lembrar ; — A memória tem seu crepúsculo onde se somem as lembranças remotas — é preciso folhear as páginas do coração !

Assim, quando ponho de parte a memória, e busco refugio no coração, encontro n'elle, como n'um tabernáculo sagrado, as recordações intimas, que se fôram fugindo da minha vida uma a uma, assim como gota a gota se filtra a agua pelos poros do vaso : no coração, não ha crepúsculo a entenebrecer-se de mais em mais, porem ha uma aurora que resplandece cada vez mais brillante.

A memória tende á escuridão, tende ao nada: o coração tende á luz, isto é, tende á Deus !

Emfim lá está essa pequena casa, cercada de um muro pardacento, meio escondida e segundo me dizem posta em almoeda, ai ! prestes a escapar das mãos hospitalícias, que me abriram aquellas portas !

Deixai que eu vos diga como entrei n'essa casa ; esta narração nos conduz, por um rodeio, em bem o sei, á historia que vos estou contando : mas não importa ; acompanhai-me, iremos conversando pelo caminho, e eu farei com que o caminho vos pareça menos longo do que na realidade é.

Assistimos aos ultimos arranços dos annos de 1826, segundo creio. Bem vedes, que eu apenas vos accusava vinte annos, e lá se vão bons vinte dois. Acabava eu de fazer vinte e tres.

Fallando do pobre James Rousseau, eu vos contei meus sonhos litterarios. Já em 1826 tinham-se elles tornado mais ambiciosos. Não era mais a *Caça e o Amor* que escrovia em colaboração com Adolpho Leuven ; não era mais *As bodas e o enterro*, que eu compunha com Vulplan e Lasagne, era *Christina*, que eu sonhava sôsinho ! sonho resplandescente, que em minhas esperanças juvenis devia abrir-me esse jardim de Hespero, jardim de fructos de ouro, onde campéa o dragão da Crítica.

Entretanto, pobre Hercules que eu era ; a Necessidade havia-me imposto um mundo sobre os homens. Que malvada deusa é a Necessidade ! quando me opprimia nem ao menos tinha, como Atlante, o pretexto de descansar uma hora. Não, a Necessidade me esmagava, assim como a muitos outros, como eu esmagão um formigueiro. Porque ? Quem sabe ? E' porque eu jazia

debaixo da planta de seu pé, e ella, a fria deusa das cunhas de ferro, com olhos vendados nem se quer me encherava.

O mundo que ella me pozera aos homens, era o meu algoz.

Ganhava 125 francos por mez, e com 125 francos eis o que eu era obrigado a fazer :

Ia para o escriptorio ás dez horas, e sahia ás cinco ; mas no verão voltava de tarde ás sete e não ia para casa senão ás dez.

Para que este accroscimo de trabalho no verão, a esta hora, isto é, no momento em que é tão bom respirar o ar puro do campo, ou a atmosphera inebriante dos theatros ?

Ven dizer-vos : era preciso pôr em dia a pasta do duque d'Orleans.

O ajudante de campo de Dumouriez em Jemmapes e Valmy, o proscripto de 1792, o professor do collegio de Reichenau, um viajante do cabo d'Horn, o cidadão da America, o principe amigo dos Foy, dos Manuel, dos Laffite e dos Lafayette, o rei de 1830, o proscripto de 1848, chamava-se ainda n'essa época o duque d'Orleans.

Era a época feliz da sua vida : assim como eu tinha meu sonho, elle tinha o seu. Meu sonho era um successo : o d'elle era o tronho.

Meu Deus ! tende compaixão do rei ! Meu Deus ! concedei paz ao aucião ! Meu Deus ! outorgai ao pai e ao esposo tudo o que pôde haver para elle de felicidade paterna e conjugal ; vossos thesouros de bondade são infinitos !

Ai ! Eu vi em Dreux deslizarem-se lagrimas bem amargas pelas faces do pai coroado sobre o tumulo do filho cuja fronte devia ser enastrada de uma coroa !

Não era, Senhor, porque vossa coroa perdida não vos custaria tanto pranto como o vosso filho morto ?

Tornemos ao duque d'Orleans e á sua pasta.

O expediente d'esta pasta era a correspondencia do dia e os jornaes da tarde que deviam ir para Neuilly.

Enviada a pasta por um correio a cavalo, era preciso esperar a resposta.

O ultimo que chegava ao escriptorio era o encarregado d'esta tarefa, e como eu sempre chegava por ultimo, cabia-me ella em partilha.

Meu collega Ernest Branet estava encarregado da pasta da manhã.

Aproximavam alternadamente a pasta do domingo.

Ora, uma tarde, quando, entre a pasta expedida e a pasta que vinha de volta, eu rabiscava alguns versos de *Christina*, abriu-se a porta do meu gabinete — uma cabeça fina, tocada de cabellos castanhos e annellados, metteu-se pela portinhola, e uma voz de accento ligeiramente

mofador, fez ouvir, em notas um pouco estridentes, estas duas palavras :

— Estás ahi ?

— Sim, respondi vivamente ; entra !

Era Cordelier Delanoue, como eu, poeta e, como eu, filho de um velho general da Republica; tinha-o reconhecido. Não sei por que na carreira que ambos temos percorrido, tem elle sido menos feliz do que eu ; temos ambos a mesma intelligencia, e incontestavelmente faz versos melhores.

Capricho do accaso ! tudo são ditas e desditas n'este mundo ; só depois da morte saberemos quem de nós foi mais feliz.

Era uma fortuna a visita de Cordelier Delanoue. Como todas as pessoas a que tenho amado, eu o amava então e o amo ainda ; a unica diferença é que o amo ainda mais, e estou certo que da parte d'elle acontece o mesmo.

Vinha perguntar-me se queria ir ao Atheneu ouvir não sei que dissertação sobre não sei o que.

O dissipador era M. de Villenave.

Apenas conhecia de nome M. de Villenave ; sabia que tinha uma tradução do *Ovidio* elogiada, que fôra secretario de M. de Malesherbes e professor dos filhos do marquez de Chauvelin.

N'essa época espectáculo e distração eram cousas raras para mim. Todas essas portas de theatro e de salão, que ao depois se abriram diante do autor de *Henrique III* e de *Christina* estavam fechadas para o caixeario de quinhentas libras, atarefado da pasta da tarde do duque d'Orleans.

Acceitei; pedindo com tudo a Delanoue que aguardasse comigo o correio.

Em quanto esperavamos, leu-me elle uma ode que compuzera. Era uma preparação para a sessão do Atheneu.

Volta o correio : recobro a liberdade, e lá vamos para a rua de Valois.

Dizer-vos em que ponto da rua de Valois o Atheneu celebrava as suas sessões, é-me impossivel, pois foi esta, segundo creio, a unica vez que lá fui. Nunca gostei muito d'essas reuniões em que uma só pessoa fala e os outros escutam : é preciso que aquillo de que se fala seja, ou muito interessante ou muito ignorado ; e é preciso que a pessoa que fala ou seja muito eloquente ou muito pitoresca, para que me deixe prender por esse discurso incontroverso, onde toda a contradicção é inconveniente e onde toda critica passa por incivilidade.

Nunca me foi possivel ouvir até o fim o discurso de um orador, nem o sermão de um padre : n'esses discursos ha sempre como que um angulo onde fico parado enquanto elles lá continuam o seu caminho. Uma vez parado começo a considerar a cousa debaixo de certa ponto de vista, e

eis-me tambem fazendo o meu discurso ou o meu sermão baixinho, comigo mesmo, enquanto o outro em voz alta lá segue para seu termo. Quando a final um e outro acabâmos vemo-nos a cem leguas de distancia, com quanto houvessemos ao mesmo tempo partido do mesmo ponto.

No theatro acontece-me o mesmo : se não assisto á primeira representação de uma peça de Arnal, de Granot ou de Ravel, isto é, de um trabalho que não esteja nas minhas forças e para a consecção do qual me reconheço impotente, sou o peor espectador do mundo. Se a peça é de imaginação apenas as personagens entram em cena tomo logo conta d'ellas, e em vez de serem as do autor passam a ser minhas, e isto logo no primeiro acto ; deixo de acompanhal-as no enredo dos outros quatro actos, e as introduzo em quatro actos da minha composição, tirando assim partido de seu carácter e utilizando-me da originalidade. Se o entreacto dura unicamente dez minutos, é este tempo suficiente para edificar-lhes um castello de cartas de jogar, para onde as transporto ; e ha castellos dramáticos no gosto dos discursos e sermões de que ainda ha pouco falei. O meu castello de cartas quasi nunca é o mesmo do autor ; assim, fazendo de meu sonho a realidade, é a realidade que parece-me um sonho ; — sonho que eu estou disposto a combater, exclamando : — « Meu Deus, Sr. Arthur, não é isso o que deveis representar ; Mlle. Honorina, tambem não é esse o vosso papel. — Vós recitais muito depressa, ou muito devagar ; — vós vos voltais para a direita em vez de fazel-o para a esquerda ; — vós dizeis sim, quando deveríeis dizer não. — Oh ! oh ! oh ! isto é insuportavel. »

E para as peças históricas ? — então é tres vezes peor. Todo o enredo eu tenho na imaginação appropriado ao titulo ; e tendo-o eu feito conforme meu gosto, com todo o desenvolvimento possível, rigidez absoluta no carácter, tres ou quatro enredos, — é um milagre que a peça de minha cabeça assemelhe-se no menor detalhe á que se representa. E não fazem ideia que supplicio me causa o que para os outros é um assunto de divertimento.

E tão meus *companheiros* prevenidos : — se convidam-me para suas primeiras representações, agora conhecem perfeitamente as condições que lhes imponho.

(Continua.)

Primaveras.

(Poesias do Sr. Casimiro de Abreu).

Nos dias de prosaico positivismo em que vivemos, acabam as letras brasileiras de receber mais um mimo.

O Sr. Casimiro de Abreu acaba de publicar as suas *Primaveras*.

Cumpre ser moço na verdade para no meio da indiferença que enregela a sociedade, no meio do borburinho metálico que soa a todos os ouvidos, levantar a voz sonora e dizer a essa sociedade egoística — Attendei-me! You cantar os segredos de ternura da alma humana; vou expor-vos na língua a mais doce e harmoniosa os sentimentos que estão nos vossos como estão em todos os corações, mas de que tão acuradamente vos distrahis. Cumpre ser moço para tental-o e cumpre ter recebido do céo essa sublime inspiração, que constitue a verdadeira arte poética para consegui-lo.

O Sr. Casimiro de Abreu o conseguiu: seus versos são fluentes, ricos de melodia apropriados ao assumpto, doces como elle.

Qual é o assumpto? Podeis perguntal-o? O que pôde contar um moço senão o que lhe transborda do peito? O amor.

A saudade da pátria, a confiança nos destinos della, a saudade da família, a lembrança do affago materno, do berço do irmão, tudo isso inspira o poeta; tudo quanto é sentimento terno acha-se no seu tesouro.

E' perém o amor o que mais constante lhe faz vibrar o coração, e a menor leitura do livro basta para mostrar que é escrito com o coração.

Não lhe escaceando o devido tributo de louvor e de animação, a nossa imprensa deve mostrar ao jovem poeta que nem tudo está tão frio, nem tudo é tão indiferente como parece: aqui e ali ainda batem corações sympathicos a todos os sentimentos nobres, nobremente expressados, e não faltam espíritos que prezam e cultivem as bellas letras.

Se para esses quizer viver o Sr. Casimiro de Abreu, se tiver a coragem de dizer aos maiores — *Odi profanum vulgus et arceo*, animações lhe não hão de faltar, e longe de retirar-se da liça depois de tão bella estreia, acrescentará mais cordas a sua lyra, aproveitard o raro talento de metrificação que mostra possuir em alguma composição de mais alento.

Para então o aguardamos, nós que hoje com tanto prazer lemos os seus versos e os aceitamos como um agouro ou uma promessa, para collocal-o na primeira linha dos nossos vales e mostrar com a analyse do crítico os seus títulos a essa glória.

Dr. J. J. da Rocha.

A hospitalidade no Brasil.

(Impressões de uma viagem à Minas.)

Não há viajante, nacional ou estrangeiro, seja rico ou aristocrata, circundado de imensa comitiva, armado desde os pés até a cabeça; seja humilde peão de mala às costas e bordão por unica defesa — não há viajante que não aprobe a hospitalidade brasileira.

Em verdade, parece que os habitantes do interior receberam o legado desses antigos patriarcas, que faziam timbre, e ostentavam como a maior grandeza acolher a tenda o peregrino transviado, e lavar-lhe o pó com que o caminho lhe cobrira os pés.

A porteira da opulenta fazenda, e a porta da pobre choupana estão sempre abertas para o viajor.

Na fazenda, apenas despontais no horizonte, e dirigis o cavalle para a porteira, um escravo vos espera, e mal vos apeastes, já não sois sozinhos da cavalgadura: mas não vos assusteis, a estrela de bonança vai fulgir muito mais breve para a cavalgadura do que para o cavalleiro.

Apenas o corsel se vê desenvejilhado do froio e dos arreios, ouve-se aquelle crepitir de dentes, aquelle tinir de milho no embornal, que faz a ventura do verdadeiro viajante, que é ver sua cavalgadura contente e bem alojada.

Agora, lançais um olhar paternal sobre o bicepsphalo, e entrais na ante-sala da casa, onde sois imediatamente despojado das incommodas botas, do paletó de viagem, do ponche de linho, se é verão, de panno se é inverno.

Um largo chambre e umas chinellas de tapete, se as não trazeis no cano da bota, são o primeiro regalo que vos offerecem.

Postas as cousas nestes termos, conforme a hora e os incidentes do tempo, ou conforme a vossa vontade, o escravo submisso vos dá a escolha entre um delicioso cão de leito puro, ou um ardente punch, composto da mais limpida aguardente.

Sois outro homem.

Já se pôde então aguardar o hóspede: não tarda muito.

Eis-o que chega com o sorriso nos lábios.

Nada de circumloquios, nada de cumprimentos banaes, nada de bombásticas declinações de nomes: a mão do peregrino se sente francamente apertada por outra mão, e os hóspedes desapareceram; são dois amigos velhos que se encontram.

As primeiras palavras versam sobre o ponto de partida, o termo da viagem, episódios da jornada, extensão de caminho que transpozestes, ou para melhor dizer, que vosso cavalle transpoz, se estais jantado, se tendes urgencia de alguma

rousa, conforme sois mais ou menos garrulo, porque a tagarelice do hospede eu garanto.

Segundo o alcance da perspicacia que tendes, sabeis logo com quem estais fallando ; mas estai bem certo, que ja ha muito tempo vos conhecem todo interinho *por dentro e por fora*, tal é a sagacidade de todo o fazendeiro, ou a tenha ingenita, ou adquerida pela longa pratica.

O proprio pai da physiologia admirará tão seguro lance d'olhos em homens, que, a maior parte, nunca ouviram ao menos pronunciar o seu nome celebre.

A conversação tem de sahir do terreno das generalidades. Aqui é que é preciso todas as forças para dar-lhe uma direcção que vos convenha, e não desgrade ao dono da casa.

Se tendes uma pequena tintura de questões agricolas, valeis mais que um visinho, ou um parente mesmo, porque trazeis o grande auxilio da novidade.

Na deficiencia deste dom precioso, mostrai-vos muito enfronhado nos negocios da corte, embora sejais d'aqueles, pira quem o *Jornal* e o *Mercantil* não são quotidianos, porque nem sempre sahe o romaneo.

Um conselho vos quero dar : nem uma palavra sobre politica.

Todo o futuro depende do acordo, ou divergencia neste assumpto.

Se vos emmaranhais neste labyrintho estais tão arriscado como aquelle parasita que tinha pendente sobre a cerviz a espada presa por um fio de cabello, no dourado tecto do salão do tiranno de Siracusa.

Declamando contra este ou aquelle liberal em casa de um *chimango*, ou contra um conservador em casa de *cascudo*, vossa condenação está escripta, *ab eterno*.

Isto quanto ás pessoas, porque a politica em provincia foi sempre pessoal. Quanto ás idéas, podeis sustentar as vossas por toda a parte, que ireis sendo, segundo a vossa habilidade, ora saquarema ora liberal com a maior facilidade do mundo.

Podeis gabar a lei de 31 de Dezembro em casa de um liberal de quatro costados ; se disserdes que é uma lei liberal, sereis abraçado e tido como um grande patriota.

Mas que admiração ? não é isto que se vê no proprio recinto do parlamento ? Não aplaude o liberal o que diz o saquarema, não adopta o saquarema o que souha o liberal ?

Porém todos os conselhos, como todas as teorias demandam bom senso em quem as põe em practica. Se sois perspicaz escusais minhas instruções ; se sois sonhador e abstracto, fazei-vos de tolo, mettei a viola no saco, e deixar fallar o hospede que elle se calará.

Uma enorme bacia de arame vos espera com um banho soberbo : ide banhar-vos.

Terminada a ablúcio, já a cêa sumega sobre a mesa : comei sem cerimonia, sumai o cigarro de palha que vos derem, sempre conversando com o amphitrião, e depois de dar as boas noites estirai-vos sobre a macia cana do *pennas* e deixai as cousas por minha conta.

Se vos apeastes á porta de uma choupana do sapê, o apparato é nullo : mas o que perdeis em apparato ganhais em poesia.

Vós mesmo desarroais o gineto, vós mesmo lhe enfias o embornal, mas é o vosso hospede quem vos descalça, quem vos serve a mesa, e vos cede o proprio leito, para ir dormir no chão, venturoso de ter a quem dar hospitalidade.

Tendes diante de vós um coração aberto, em que se pôde ler como n'um livro. Tratam-vos, como fôra tratado o filho prodigo quo tornava á casa paterna.

Podeis tirar a mascara com que se cobre o rosto perante a sociedade e dar expansão á alegria, ou deixar o desgosto enrugar-vos a fronte. Se mostrais contentamento riem-se com vosco, se chorais vossas lagrimas serão enxugadas por mãos amigas.

Pela manhã, apenas o sol penetrando pelas fendas da parede ves ferir ás palpebras ainda pesadas, já ouvis o relincho do corsel impaciente, prestes a seguir viagem.

Ao abraçar o camponez, ao lançar um olhar de amor para o rosto da ingenua filha, á despedir-vos da cara metade do dono da casa, a autelai-vos de ofrecer-lhe a mais leve recompensa, a não ser um mimo ; porque se vos não ameaça uma espada de Damocles, rasgais aquelles pobres corações, e na volta achareis cerrada aquella porta quo com tanto amor vos foi aberta !

Depois deste tosco esboço que nem de leve retrata a hospitalidade de nossos patricios do interior, rovesti-vos de paciencia evangelica para lér o episodio que vamos narrar. Parece, quando pensamos neste caso quo ainda estamos enredados nas peripécias da scena ; tão indeleveis impressões nos deixou no coração.

B.

Amor e loucura.

(Lenda).

Li, não sei em que autor que o destino do homem é como o da roseira, que na primavera se cobre de espinhos e de flores, mas os ventos desfolham as flores, e só ficam depois os espinhos.

Sorá assim ?

Henrique tinha 20 annos, era orphão. Deus o

deixara só no mundo, como um desses passaros, que vôam solitarios percorrendo a atmosphera.

Se o homem, que conheceu sua mãe, que pôde beijar a mão de seu pai, abraçar as suas irmãs, que nasceu cercado de tantos amores, ainda necessita de amar, quanto mais aquelle, que ficou só no mundo, com um coração vazio; esse precisa achar logo um ente, ao qual entregue a sua alma; para, só então, começar a viver, como o cego, que não pôde firmar os passos sem o amparo do seu cajado.

Bem cedo raiou o amor de Henrique por uma mulher bella, como essas sylphides, que em noites de luar aparecem dansando nos pinheiros da Caledonia.

Margarida era tão linda como o lirio dos jardins, como essa rainha, mulher de Admete que se transformara em uma flor.

Parecia que Deus creara essa mulher para deixar no mundo a imagem da formosura.

O amor de Henrique era ardente. Rousseau não adorara mais a Madame de Warens, Faust a Margarida, Werther a Carlota.

E Margarida apesar de ter nascido no meio das sedas e da purpura, da felicidade e da riqueza, amava a Henrique, que nascera no tuguriu da miseria, no berço da indigencia.

Tambem do alto do céo a estrella lança os seus raios sobre o pequeno insecto, que lambe o chão.

Era então Henrique bem feliz; tendo o amor de Margarida nada mais desejava; o seu coração não podia conter mais amor, e vivia sereno, como o vaso cheio de liquido, e que mesmo por estar cheio conserva o liquido immovel.

Estava Henrique na primavera da felicidade; a roseira de sua vida mostrava-se coberta de flores!

II.

A felicidade é como o sol, que brilha por algumas horas, e depois descamba, deixando solidão e noite.

Os pais de Margarida fidalgos orgulhosos como essas torres, que aparecem nas cidades sobrepujando os edificios, amaldiçoaram o amor do orphão e do pobre, e obrigaram sua filha a unir-se a um nobre, a um rico, que se não tinha um coração puro como de Henrique, tinha sangue azul, que a genealogia inventara ser o mesmo, que á 300 annos correrá pelas veias de um fidalgo alemão.

E o que val o coração, o amor do plebeo á vista do sangue e dos pergaminhos do nobre!

E condemnam Affonso d'Est por não querer dar a mão de sua irmã ao miserrimo Tasso!

Margarida pallida e moribunda foi ser esposa de outrem.

Coitada, foi a Iphigenia dos seus pais!

E Henrique que fizera do seu amor o céo das suas esperanças, o eden da sua felicidade, quando viu destruido esse amor puro e santo como a luz, que tudo manifesta sem nada poluir, tornou-se louco como Tasso, e começou a vagar pelas mattas, que circum davam o castello dos pais de Margarida.

Conta-se que quem percorresse os montes, os bosques em redor do castello veria um vulto gritando — amor — amor.

Era Henrique o doudo, o amante infeliz que errava por essas mattas, como João Jacques Rousseau em Chamberg, em procura de sua amante.

Então os ventos do infortunio tinham desfolhado as flores da roseira da sua vida e restavam apenas os espinhos.

M de Azevedo.

A preguiça.

A preguiça é uma doença da alma, é o sonno da actividade.

A preguiça é o morpheo moderno, é a mãe da ociosidade, é a pausa do movimento, é a irmã do far-niente.

A preguiça é um vicio diabolico, obriga o ministro a retardar o expediente, o deputado a fazer synalephas, o empregado publico a levar ponto, o estudante a aumentar as gasetas, o poeta a não fazer versos, o litterato a não escrever uma linha, o advogado a demorar as demandas, o medico a não visitar os doentes, os professores a não dar lições, os jurados a não ir ao jury.

A preguiça é a sepultura dos vivos, diz Themistocles.

A preguiça é a inimiga do trabalho, é a inercia da humanidade é a irmã da paciencia.

A preguiça, diz a Fabula, nasceu do sonno e da noite e foi metamorphoseada em tartaruga, por ter dado ouvidos às lisonjas de Vulcano; por isso ja se vê, que não é boa pessoa, e só poderia ser enamorada pelo tal Vulcano, que era um deus extremamente feio e coxo.

São inmensos os partidistas da preguiça, principalmente entre nós, onde até nas mattas ha um bixo feio, chamado — preguiça!

Creiam as minhas leitoras, que foi uma fatalidade o ter a Preguiça nascido na America!

O preguiçoso é um homem inutil, que vive dormindo, que sempre tem vontade de fazer alguma cousa, porém que nunca acha em que se empregue.

O preguiçoso tem medo do trabalho como a coruja receia-se da luz; o homem preguiçoso é como a bola, que rola sempre no mesmo lugar.

O marquez de Maricá diz que a preguiça gasta a vida como a ferrugem consome o ferro.

A preguiça é o spleen que produz langor e abatimento.

Um poeta diz :
O poltrão de dormir tem feito ofício.
Engorda com a falta de exercício.
De modo que duvidam rectamente.
Se é um tonel a pino ou inada gente.

A preguiça é como o magnetismo, que faz dormir, sem se ter sono.

E' bom as vezes ter preguiça; o homem laborioso e incansável encontra assim algum descanso e repouso. Ah! felizes os Israelitas, que por 40 annos poderam ter preguiça porque lhes vinha o maná de céo!

A preguiça é um opio de boa qualidade, que faz dormir meio mundo, é um alcool de 38 graus que embriaga a muita gente boa.

A preguiça é até um dos sete peccados mortais!

M. de Azevedo.

Revista de theatro.

SUMMARIO : — **GYMNASIO.** — *Luiz*; uma vocação nascente; *Um Bernardo* em dois volumes. — **LYRICO.** — *Lombardos*. — **S. PEDRO.** — *Jocelin, o marinheiro da Martinica*. — Um anuncio e um idílio.

Luiz é um drama em tres actos do Sr. Ernesto Cibrão; deu-nos o Gymnasio essa estréa dramática de uma vocação larga ainda nas primeiras revelações.

E' um bello drama; uma dupla profissão de fé: a artística e a social. Como arte, o Sr. E. Cibrão lançou-se com alma e corpo ao drama moderno, assim pelo lado da idéa, como pelo lado da forma. Como social, o drama respira um grande sentimento democrático; a luta do pão e do nobre; e antagonismo do coração e da sociedade. Não são idéas novas, mas são sempre idéias bem queridas das massas.

As leitoras conhecem de certo o drama, não concordam comigo? Ha ali scenas de uma toante originalidade, de um sentimento tão profundo, caracteres desenhados com firmeza, lances tão dramaticos, que me leva a crer e esperar no Sr. Cibrão um dramaturgo de futuro e nomeada. *Eliza* é a perola pendente do loto d'aquelle casa nobre de morgados: bella e delicada criação dos sonhos do poeta. *Balthazar* é ainda um typo original: o lavrador; homem de maneiras rudes e respeitosas, um fundo de sentimento e um pudor puramente agreste e aldeão. Todos os outros caracteres que movem a accão estão bem reproduzidos. Reproduzidos é a palavra: ha no drama do Sr. Cibrão a verdade, a reprodução.

Concepções como estas não morrem; o Sr. Cibrão poderá escrever outras obras de mais largo horizonte, de mais subido preço: *Luiz* é sempre a sua chave de ouro com que abrio as portas do templo da arte. Esta é a minha opi-

nião, isto é, a opinião do publico que applaudiu freneticamente o joven poeta.

Como desempenho não podia ir melhor: o Sr. Furtado, o Sr. Moutinho e a Sr. Gabriella vão perfeitamente — e a elles couberam as honras do desempenho. O fim do primeiro acto sobretudo, foi representado com o talento e a rapidez que requeria a situação.

O Sr. Moutinho no papel de *Balthazar* o lavrador, revelou-nos ainda a grande extensão do seu bello e eminento talento. A naturalidade, as maneiras rudes e respeitosas ao mesmo tempo do homem do campo, foi tudo bem desempenhado pelo Sr. Moutinho. No primeiro e segundo actos, sobretudo desenvolveu esses dotes de artista que o publico da capital já tem applaudido tantas vezes. No riso como no pranto encontra-se sempre o lavrador. Ajunte-se a isto um todo perfeitamente caracterizado em que nada escapa, nem mesmo as meias por fóra das calças, uso das aldeias daquella terra.

Escusado é especificar os outros artistas; o que dizer do Sr. Furtado e da Sra. Gabriella? As leitoras sabem, como a platéa do Gymnasio, que ambos preencheram completamente os desejos do autor. O sentimento que elle imprime nos caracteres de *Luiz* e de *Elisa* achou dous interpretes talentosos que nada deixaram a desejar.

Tudo esteve bom; decorações, apparato, desempenho tudo contribuiu para completar o triunfo do joven autor que acabamos de saudar. O Sr. E. Cibrão é portuguez; terá um lugar distinto entre os escriptores de sua terra mas no meio dessas palmas que o esperam, não se esquecerá da sua estréa no pequeno theatro do Gymnasio.

Seria uma ingratidão; mas quem escreve estas linhas sabe por tradição que não é esse o fundo da alma do joven autor.

Um Bernardo em dois volumes é uma comédia do Sr. Nôvaes, feita para rir, cujo fim preenche completamente.

O autor não teve de certo intenção de uma obra litteraria — e o povo assim o comprehendeu e assim o recebeu. Rio, gostou, é o applauso da comédia, por isso que ella não visa outro alvo. Ha chiste, novidade, accão, movimento, em sum o poeta das elegantes satyras está alli reproduzido.

O beneficio do Sr. Furtado foi de certo uma bella noite. Havia platéa illustrada e fina que soube applaudir bem e a horas, qualidade rara nas nossas platéas. Oxalá que nos volte em breve outra estréa e outra noite como aquella:

Houve *Lombardos* no Lyrico. Cantou a Sra. De Lagrange como sempre, isto é, bem. Mas a opera, como as leitoras sabem, não agrada.

Lombardos! em domingo! com o Sr. Dido!

é chamar o deserto á platéa! Pobre Sra. De Lagrange! sustentar o theatro em quanto não havia Medori e vêr-se agora obrigada a appa-
recer em uma peça do desagrado publico!

Cousas do mundo!

Mas no meio dessas maquinâoens mesquinhas resta á Sra. De Lagrange a consciencia do pro-
prio talento, e os aplausos dedicados daquelles que sabem ver atravez das serpentes da sombra, a luz do verdadeiro merito.

Se eu tiver tempo um dia, minhas leitoras, hei-de escrever um livro curioso — *Os fastos do theatro Lyrico*. Não é má lembrança, e eu peço que me não antecipem.

Deu-se no theatro de S. Pedro o *Jocelin*. É um drama conhecido, nada ha a dizer de novo. Todavia se as leitoras me permitem uma obser-
vação, direi que o Sr. Florindo não foi como nas representações anteriores quando era empresario em S. Januario. A Sra Ludovina e o Sr. Amoedo estiveram na altura dos papeis e o desempenha-
ram com arte. Foram a salvação da peça, porque os outros papeis importantes naufragaram. A Sra. Thereza Soares nem correspondeu ao menos pelo vestuario ao papel que lhe estava confiado. Esta moça, que pôde adiantar-se, creio que não tem muito amor á arte. Nas emoções então parece que pede um copo d'agoa; não se lhe contrahe nem uma fibra. Se chegar aos seus olhos estes paginas peço-lhe que medite o estudo seria-
mento para alcançar alguma cousa na carreira que lomou. Se arrancar aplausos na linha em que está, poderá ser uma homenagem aos seus dotes naturaes, mas um culto á sua feição artistica, nunca.

Nada mais de novidades no mundo dos es-
pectaculos. Eu não desejo fatigar as minhas leitoras com a narração de peças conhecidas e cujo desempenho é sempre o mesmo com pouca diferença.

Podemos conversar em outra cousa.

Em que?

Ah! annuncio-lhes o renascimento da Opera Nacional. Voltam, creio eu, as bellas noites que nos deu essa associação interessante. A com-
panhia porém que se annuncia é a reunião de alguns artistas da companhia antiga sob a direc-
ção do Sr. D. José Amat. Não é a associação do governo.

Só que teremos sessões artisticas de muito gosto, zelo e talento.

Tanto melhor! creio que posso esperar das minhas amaveis leitoras a sua companhia na sala de S. Pedro de Alcantara.

Talvez não me conhecem, mas é facil; um chronista é reconhecido entre um povo de cabeças. Eu então cheiro a folhetim a duas leguas de distancia.

Não é modestia...

A rosa, ao contrario da violeta, desdenha os rochedos para ostentar-se nos campos, ao ar livre, ao sopro de todas as brisas, ao fogo de todos os raios. Exhala os perfumes de seu seio, como a oração da natureza ao creador, embala-
se ao agitar dos ventos, e nunca fecha as suas petalas á accão do sol da madrugada.

Nem eu.

O sol neste caso é o olhar da minha leitora complacente que eu sinto atravez destas nuvens de papel e letras.

É um idyllo isto, creio eu.

Tytire tu patulæ...

Até domingo.

M-as.

O Branco e o Tymbira.

(*Indigena Brasileira*)

O branco disse ao tymbira :

— Não me inspiram, sertanejo,
Estes bosques, estas mattas ;

— Nem eu vejo

De que te ufanás aqui :

Vem comigo — minhas terras
Tem mais lindas variedades,
Vida, amor, ouro, prazeres,
Nas cidades

Tudo, emfim, terás — alli. —

O tymbira disse ao branco :

— Cariúia, deixa a cidade,
— Vem viver co'o sertanejo,
— Aqui tens a liberdade. —

1858 — B. Seabra.

Sonhando.

Sonhei-a! Tenho na mente
O seu retrato inocente
A fallar-me no coração :
Sonhei-a como uma fada
Que tem vivido encantada
Sosinha na solidão!

PALMEIRUM.

Eu a vi! — Era a rosa a se abrir

Attractivo perfume exhalando :

— Era o casto botão a sorrir

Para o sol — seu orvalho enxugando.

— Era a flor — já de amores tremendo

Para o astro que a beija encantado !

— Era a lua — seu raio estendendo

Entre as folhas de um lindo silvado.

Eu a vi! logo meu canto

Ao som da lyra juntei

Seus olhos vi, mas não sei

Si são do céo ou da terra :

São astros de amor brilhando
Com tão magico fulgor.
Que accendem chamas de amor,
Que de amor nos vão matando !

Eu a vi ! era um anjo que vinha
Se occultando entre nuvens ligeiro :
Com um sorriso nos labios que tinha
Sobre as almas poder feiticeiro !

Era um anjo ! ante ella prostrado
Minha vida, meu ser lhe votei :
Ella um riso me deu perturbado,
Mas no riso o que disse não sei !

E de mim se foi voando
Tão bella n'este sorrir,
Qual a tarde ao descahir
Sandosa deixando a terra.
E qual um vulcão coberto
De cinzas, sem claridade,
Ficou minh'alma em saudade,
Meu pensamento um deserto !

Assim foi, qual celeste visão
Fra divina morada onde habita :
E de amor o sublime clarão
Ainda acceso em meu peito crepita.

Era um anjo ! porém do que serve
Vej-a linda, tão bella a sonhar,
Si do sonho a lembrança reserve,
E si ao triste só deixa um pezar ! ? .

MEUS VERSOS,

(*Primeira pagina de um livro inedito.*)

Quando nas noites de luar no outono
Pendem as flores que a manhã crestara
E a chuva desbotou,
Que não piedosa erguen-as do abandono...
E cuidosa no seio as orvalhara ?
Quem sorri do as beijou ?

Ellas morrem alli tristes, sosinhos,
E se desfílam no correr do rio...
Deus sabe onde ellas vão :
Assim morrem ao sol as andorinhas,
Assim o insecto se desmaia ao rio,
E assim meus versos são :

Obrer canções que eu entoara a custo,
E modulei nas harpas dos amores
Que ornara um cherubim.

Foram as vibrações de um sonho augusto ;
Da minha fronte as suspiradas flores
Não n'as dera o jardim.

E com tudo eu ainda as esperava,
Como à porta do Céo a mãe cuidosa
Um filho que ha-de vir.
E o jardim não m'as dera; eu mal cuidava
Que vinha no embrião da flor mimosa
Um aspide dormir.

Accordei ! Esqueci-me d'essas flores
E vou cantando sem sonhar venturas,
Já sem illusão.
Peixo aqui minha leuda dos amores,
Urna singela de esperanças puras,
E muita aspiração.

M.

CHRONICA ELEGANTE.

A moda é sempre admirável e ousamos dizer-o, tem o seu lado glorioso : a moda parisiense principalmente que de todas é a mais cultivada e que mais adeptos conta, não bebe as suas glórias unicamente na graça, na elegância, mas também nessa fecundidade maravilhosa e inexgotável que sem fatigar se crea até o infinito, personificando-se em mil caprichos exquitos, engenhosos, variados e, o que ainda é mais, imprevistos.

Como alguém já disse, nunca o triunfo de uma grande arte apparentemente futile raiou de um modo tão patente, como o progresso da industria francesa, contemplando-se e por si mesma julgando-se no espelho de seus mais bellos productos.

Simples ou luxuosos *toilettes*, tocados que atrahem simpatias e olhares, rendas cujo labirintho parece feito por dedos de fada, cachimbras onde transparecem as luxuriantes cores da Flora asiatica, tudo concorre, tudo parece fazer, como do seio da rosa o *sylpho* apparece, luzir brilhante por toda a parte a mulher de Paris, a parisiense.

Em Paris a mulher tem suas glórias como as tem o homem : este pelas armas, pelas letras, pelas artes consegue elevar-se até à altura de um semideus ; aquella pelas graças (e quantas também pelas letras e pelas artes ?) elevam-se à altura das antigas sacerdotisas ou das sybillas dos tempos profanos.

Em Paris a moda é um cartão de entrada para os salões, é um passo adiantado para as liças amorosas ; ella insinua se por si mesma e entra até os clubs ; depois acha pequeno aquelle espaço, sobe ao palacio dos principes e com pé firme demora-se na residencia real e espera como guarda fiel que mandem-lhe substituir.

Naquella vasta capital do mundo todos os dias se inventa, todos os dias um novo facto vem aumentar o

numero das descobertas, o numero das conquistas pela intelligencia e pela arte.

Uma d'essas descobertas que a leitora certamente ignora ainda, é a dos chapéos á *guides* ultimamente chegados de Paris. Antes porem de fazer a sua descripção quero contar-lhe a sua historia, o modo porque foram elles inventados.

Na ultima guerra em que a França tão brillante parte tomou, acompanhava o rei um corpo de guardas denominados os guias (*les guides*) cujas barretinas tinham a aba levantada, e eram ornadas de uma pequena pluma do lado direito.

Essas barretinas foram o que serviu de mote á ultima innovação: á vista das barretinas fizeram as modistas parisienses os novos chapéos de senhora, que devem ter entre nos bastante extracção porque são realmente lindos.

Podem elles ser de palha ou de seda: para a estação porem que se vem approximando os de palha de Italia interiça devem ser preferidos.

Vimos alguns desses chapeos em casa de Mme. Hortense Lacarriere, e aconselhamos ás bellas leitoras que não deixem tambem de ir la admirá-los.

As suas abas são levantadas adiante e mais chatas dos lados, de um dos quais se destaca em direcção perpendicular a pluma de grandeza regular. As flores em vez de serem como antigamente presas aos lados do chapéo o são na frente; essas flores são em ponto grande quanto aos enfeites são tambem de um lado sómente e ligados o mais possível ao topo do chapéo. Os *barolets*, que a leitora deve saber perfeitamente o que vem a ser e que eu na minha linguagem profana chamaré babados, são muito pequenos.

Eis pouco mais ou menos o que vem á ser os tais chapéos á *guides*.

Alem d'essa grande novidade ocorrida no nosso mundo elegante ainda uma outra ha, que eu convido a leitora para ir ver tambem em casa de Mme. Hortense: são os chales de phantasia listados, denominados *parisienses*, de barege e assetinados.

Esse chales se usam com uma porta mais calhada do que outra, são bonitos, e aham se expostos nas vidraças d'aquelle casa, como um desafio de guerra ás algueiras dos pais de familia.

Por hoje faço aqui ponto.

Notícias á mão.

O Sr. Frond, sobre quem demos um artigo em nosso numero passado, acaba de expôr, como uma nova revelação, duas bellas photographias colloridas; os retratos das duas princesas do Brazil. São de

uma delicadeza admirável, e de uma semelhança perfeita. O colorido disse-nos ser de um habil pintor de miniatura alemão.

Tanto elle como o Sr. Frond merecem aplausos por este trabalho primoroso que deve figurar no primeiro plano das melhores obras d'arte que temos visto desse genero.

— Recebeu-se pelo *Reine du monde*, novidades da Europa. A mais importante e de que o publico já está de posse, é a da amnistia concedida por Napoléon III aos proscritos que ha longos annos erram pelo mundo tão longe da patria. Dá-se um grande alcance politico a esse facto. Não nos é dado aqui aventurar idéa nenhuma sobre essa resolução; mas de passagem podemos dizer aos leitores que muitos dos amnistiados que conhecemos não voltarão para França. Não serão os unicos que erão esse proceder; temos certeza disso. Não a teria também o vencedor de Solferino? Deus e a sua consciencia o sabem.

— Da lithographia do Archivo militar, habilmente dirigida pelo Sr. Fr. Antonio José de Araujo, acabam de sahir dois trabalhos importantes, que nada deixam a invejar dos melhores no mesmo genero publicados na Europa. E' um d'elles o mappa topographico entre o rio do Frade e o Mucury; e o outro a carta das Rocas.

D'aquelle officina não são estes os unicos trabalhos de incontestável merito que tem sahido á luz; em tempo opportuno daremos uma relação circunstanciada, a fin de que se reconheça que no nosso paiz tambem ha artistas intelligentes, e que não é de fôra que nos vem unicamente as obras de merito.

— O baile anual da sociedade francesa de beneficencia deve ter lugar no dia 15 do corrente nos salões do Club Fluminense.

Esta sociedade, que todos os annos proporciona ao nosso publico uma noite de doces recordações; que tem sempre procurado suavizar a sorte dos desvalidos filhos da França n'esta capital, este anno, segundo nos consta, exforça-se, se é possível, ainda mais, para atrair as sympathias de nosso publico, sempre prompto a concorrer com a sua munificencia quando se trata de socorrer aos infelizes.

Será esta uma das bellas noites que teremos a gozar. No meio da monotonia em que jazemos, um baile sempre é um motivo de expansão, de enlevo, de contentamento. Nem pôde haver outro meio mais doce de preencher-se aquelle fin a que se propõe a sociedade francesa de beneficencia.

— Uma sociedade industrial de Rouen organizou no mez passado, na Capital da Normandia, uma grande exposição que tem atraído muita gente, nacionais e estrangeiros. Compõe-se a exposição de estofos, machinias, productos chimicos e artisticos.

Os centros laboriosos de producção de pannos como Elbeuf, Louviers, la estão representados com magnificas

amostras. Alençon, a famosa cidade das rendas as nossas leitoras tanto apreciam nas lojas da rua da Quitanda e Ouvidor, lá tinha também dessas manifestações delicadas, desses trofeos tenues da indústria humana.

Nota-se como o primeiro dos produtos artísticos o altar-mór de Nossa Senhora do Bom-Socorro. E, ao que dissem as jornais, de bronze dourado, guarnecido de esmalte e pedrarias. Há também, e esse é um trabalho curioso e um aparelho que representa um morto deitado na sepultura — com uma corda passada pelo braço que se prende a uma campainha; em caso de necessidade, isto é, se acordar o morto por não estar bem finado — agita a campainha e vem o coveiro receber-lhe a notícia. É curiosa a ideia; mas em todo o caso não será o homem casado que a aplauda. Um morto a ressuscitar a cada momento!

Concluimos esta notícia chamando a atenção dos nossos governos para esse grande invento das exposições que dão impulso real e fecundo à indústria e às artes quando bem organizadas e postas em prática.

— Com o número de hoje encetámos a publicação de um lindo romance de Alexandre Lumas, para o qual pedimos a atenção dos nossos leitores. Um outro, original, composto por uma mui habil pena, será publicado logo que este seja terminado.

— Partiram hontem para as províncias do norte SS. MM. II. Foi, o quanto podia ser, tocante à despedida dos augustos viajantes, d'este povo a cuja guarda ficam depositados os mais caros penhores do futuro do paiz.

Aos votos dos nossos compatriotas juntamos os nossos para que seja prospera e feliz a visita que aos nossos irmãos do norte vão fazer SS. MM.

Em consequência da hora adiantada em que escrevemos esta notícia, assim de poder ficar prompta a nossa revista e a tempo de ser distribuída com pontualidade não nos é possível allongar-nos n'esta notícia. Todos porém avaliarão o sentimento do que o povo fluminense se possuía ao separar-se de seus monarcas. E' esta na verdade uma ausência temporária, mas isto mesmo prova quanto se acha arreigado no animo do povo a afição que lhes é tributada. Este sentimento só em tais momentos pôde ser entendido. A ausência será

carta, mas quanto vai ella parecer longa?...

Muitos vapores acompanharam SS. MM. até fora da barra: ali as tripulações nas vergas saudaram os augustos viajantes com estrepitosos e entusiásticos vivas secundados por milhares de pessoas que do convez mostravam-se não menos possuidas de idênticos sentimentos.

Em todos os pontos mais eminentes da cidade via-se

também grande concurso de povo que não podendo assistir de mais perto procurava d'este modo acompanhar até perder de vista o vapor em que SS. MM. seguiam sua excursão ao norte.

— Alguns erros sahiram no rumero anterior d'esta revista, cuja errata não damos porque sem dúvida penetração do leitor os terá emendado. Entre elles, porém, um ha que não nos podemos esquivar de apontar, e vem a ser o que na ultima columna saiu na nona linha do bulletin bibliographic. O leitor deve ler: O primeiro livro — *Harmonias íntimas* — são versos do coração applicados e vibrados ao som das cascatas de nossa terra, em vez de *ao som das cornetas*, como vem.

— Chegou-nos de Lisboa um livro precioso. — *Irís classico* — obra colligida pelo Sr. Castilho (José). É um repositório de alguns pedaços de sessenta e tantos classicos assim brasileiros como portugueses. Sempre laborioso e de pé no apurar da língua, o distinto litterato tirou da bibliotheca do passado lindos trechos, magnificos rasgos de língua, penas ainda limpas da lepra do estrangeirismo que se vai empregando pelo nosso idíoma.

Há nessas páginas pequena arca do que é velho e bom, nomes respeitáveis, patriarchas da língua; figuram ali Cândido Lusitano, Duarte Nunes de Leão, João de Barros, Marquez de Paranaguá, Gonsaga, Frei Luiz de Sousa, Camões, o grande reformador da língua. É mais um serviço que nos presta o illustre escriptor que tanto tem enriquecido a litteratura portuguesa. Destas pequenas colhetas do classico trigo onde falece o joio precisamos nós, precisa a nossa opulenta e formosa linguagem, a mais latina das europeias.

— Mlle. Taglioni, dansarina de mérito de Paris, foi nomeada, ao que vemos em um jornal francês, inspetora da dança no theatro da *Opera*.

— A *Fascinante* é uma linda valsa composta pelo Sr. Luiz José Cruvello e à redacção desta revista oferecida para com ella ser distribuída pelos nossos assignantes.

O Sr. Cruvello é um moço de merecimento, e estamos certo que as nossas leitoras muito satisfeitas ficarão com o mimo que brevemente lhes daremos.

TYP. COMMERCIAL
DE
F. O. QUEIROZ REGADAS
PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO N. 9.